

Anarquistas “Eleitores”

Errico Malatesta

Pensiero e Volontà, 1924

Como não há e não pode ser uma lei ou autoridade que dê ou tire o direito de ser chamado de anarquista, somos verdadeiramente forçados, de tempos em tempos, a apontar a aparência de algum convertido ao parlamentarismo que continua, pelo menos por um certo tempo, declarando-se anarquista.

Não encontramos nada de ruim ou desonroso em mudar nossa mente, quando a mudança é motivada por convicções novas e sinceras e não por interesse pessoal; Gostaríamos, no entanto, de dizer com franqueza o que se tornou e o que deixou de ser, para evitar argumentos inúteis. Mas talvez isso não seja possível, porque quem muda suas ideias não sabe em geral, no começo, onde pousará. De resto, o que nos sucede acontece, em grande proporção, em todos os movimentos políticos e sociais. Os socialistas, por exemplo, tiveram que sofrer os exploradores do socialismo e os políticos de todos os tipos que se chamavam socialistas; e os republicanos hoje são igualmente obrigados a suportar que alguns, vendidos ao partido dominante, usurpam até mesmo o nome de mazzinianos.

Felizmente, o mal-entendido não pode durar muito tempo. Logo, a lógica das ideias e a necessidade de ação forçam os chamados anarquistas a renunciar espontaneamente a seu nome e tomar seu lugar de direito. Os anarquistas eleitorais, que em várias ocasiões se mostraram, todos eles, mais ou menos rapidamente, abandonaram o anarquismo, assim como os anarquistas ditatoriais ou bolchevizantes rapidamente se tornaram diretos e direitos bolcheviques que foram colocados a serviço do governo russo e de seus delegados.

O fenômeno ocorreu na França, por ocasião das eleições dos últimos dias. O pretexto é anistia. “Há milhares de vítimas em cárceres e prisões, um governo esquerdista lhes concede anistia, é dever de todos os revolucionários, todos os homens de coração fazem o que podem para que os nomes dos homens políticos que devem anistiar saiam das urnas.” Essa é a tendência dominante no raciocínio dos convertidos.

Os colegas franceses devem estar alertas.

Na Itália, houve uma agitação em favor de Cipriani, prisioneiro, que serviu de pretexto para Andrea Costa arrastar os anarquistas de Roma para as urnas, e assim começar a degenerar o movimento revolucionário criado pela Primeira Internacional, e acabar reduzindo o socialismo a um meio de entreter as massas e garantir a tranquilidade da monarquia e da burguesia.

Mas, na realidade, os franceses não têm necessidade de procurar exemplos na Itália, porque os têm muito eloquentes em sua própria história. Na França, como em todos os países latinos, o socialismo começou a decolar, se não como o anarquismo, sim, pelo menos, como anti-parlamentar; e a literatura revolucionária francesa da primeira década depois que a Comuna abunda em páginas eloquentes, devida, entre outros, à pena de Guesde e Brousse, contra a mentira do sufrágio universal e da comédia eleitoral e parlamentar.

Assim, como Costa na Itália, o Guesde, o Massard, o Deville e mais tarde Brousse em pessoa, eram muito apanhados pela fome de poder e talvez também pelo desejo de reconciliar a reputação do revolucionário com a vida tranqüila e as pequenas e grandes vantagens que são conquistadas por quem entra na vida política oficial, mesmo que seja por meio de oposição. E então toda a manobra começou mudando a direção do movimento e fazendo os camaradas aceitarem as táticas eleitorais. A nota sentimental também desempenhou um papel importante na época: foi solicitada anistia para os homens da Comuna, foi necessário libertar o velho Blanqui que morreu na prisão, e com cem pretextos e cem recursos para superar o desgosto que eles mesmos, os viracasacas, contribuíram para o nascimento dos trabalhadores contra a eleição e que, além disso, foi nutrido pela memória ainda viva do plebiscito napoleônico e os massacres perpetrados em junho de 1848 e maio de 1871 por vontade dos deputados fora do sufrágio universal. Foi dito que era necessário votar para contar, mas que um votaria no inelegível, pelo condenado, pelas mulheres ou pelos mortos; outros propuseram votar em branco ou com um slogan revolucionário; outros queriam que os candidatos colocassem cartas de demissão nas mãos dos comitês eleitorais, caso fossem eleitos ... E então, quando o fruto estava maduro, isto é, quando as pessoas se deixavam convencer a ir votar, queriam ser um candidato e um deputado em sério: os condenados foram deixados apodrecendo na cadeia, o antiparlamentarismo foi negado e o anarquismo foi atormentado; e Guesde, depois de cem palinodias, terminou como ministro do governo da “União Sagrada”, Deville se tornou embaixador da República burguesa e Massard, penso eu, algo ainda pior.

Não queremos questionar antecipadamente a boa fé dos novos convertidos, e ainda mais porque, entre eles, há mais de um com quem mantemos laços pessoais de amizade. Em geral, essas evoluções –

ou involuções, se quiserem – têm seu começo de boa fé, então empurra a lógica, mistura amor-próprio, supera o meio no que se move ... e se torna o que antes era repugnante. Talvez no caso atual não haja nada que tenhamos medo, porque os neoconvertos são muito poucos, e a probabilidade de encontrarem grandes adesões no campo anarquista é muito fraca, e esses camaradas, ou ex-companheiros, refletirão melhor ou reconhecerão seu erro. O novo governo que será instalado na França depois do triunfo eleitoral do bloco de esquerda os ajudará a convencer-se de que há pouca diferença entre ele e o governo anterior, porque ele não fará nada de bom – nem mesmo a anistia – se a massa não o impuser por sua agitação. Tentamos, do nosso ponto de vista, ajudá-los a encontrar o motivo com uma observação de que, para o resto, não deve ser novo para aqueles que já aceitaram a tática anarquista.

É inútil irmos dizer, como fazem esses bons amigos, que um pouco de liberdade vale mais que uma tirania brutal sem limite e sem restrição; que um horário de trabalho razoável, um salário que permite que você viva um pouco melhor que os animais, a proteção de mulheres e crianças, são preferíveis à exploração do trabalho até a completa exaustão do trabalhador; que a escola pública, por mal que seja, é sempre melhor, do ponto de vista do desenvolvimento moral da criança, do que aquela dirigida por padres ou monges ... Muito de acordo com isso; e podemos até aceitar que pode haver circunstâncias nas quais o resultado das eleições em um Estado ou em uma Prefeitura possa ter boas ou más consequências e que esse resultado possa ser determinado pelo voto dos anarquistas, se as forças dos jogos em competição fossem iguais.

Geralmente, é sobre uma ilusão; as eleições, quando são passivamente livres, não têm mais do que o valor de um símbolo: indicam o estado de opinião pública, uma opinião que seria melhor executada, com meios mais eficazes e com maiores resultados, se o truque que as eleições não lhe tivessem sido apresentado. Mas isso não importa: embora alguns pequenos progressos tenham sido a consequência direta de uma vitória eleitoral, os anarquistas não deveriam ir às urnas nem parar de pregar seu método de luta.

Desde que você não pode fazer tudo no mundo, você tem que escolher o seu próprio curso de ação.

Há sempre uma certa contradição entre pequenas melhorias, a satisfação de necessidades imediatas e a luta por uma sociedade verdadeiramente melhor do que existe.

Qualquer um que queira se dedicar à construção de mictórios ou fontes onde eles são necessários; Aqueles que querem sair de seu caminho para obter uma construção de rua, ou a instituição de uma escola municipal, ou qualquer outra lei de proteção trabalhista pequena, ou a remoção de um policial brutal, certamente, ele faz bem em usar sua cédula, prometendo seu voto para este ou aquele personagem poderoso. Mas, então, desde que você quer ser “prático”, você tem que ser completamente, e então, melhor esperar pelo triunfo do partido da oposição, é melhor votar no partido mais próximo, arrastar a ala para o partido dominante, servir o atual governo, tornar-se um agente do governador ou prefeito no cargo. E, de fato, o neoconverso de que falamos não pretendia votar no partido mais avançado, mas no partido com maior probabilidade de ser eleito: o bloco de esquerda.

Mas, então, onde isso vai parar?

Os anarquistas certamente cometeram mil erros, disseram centenas de coisas absurdas, mas eles sempre permaneceram puros e permanecem do lado revolucionário por excelência, a formação do futuro, porque eles souberam resistir à sirene eleitoral.

Seria verdadeiramente imperdoável ser levado pelo redemoinho quando nosso tempo estiver se aproximando rapidamente.

Biblioteca Anarquista



Errico Malatesta
Anarquistas “Eleitores”
Pensiero e Volontà, 1924

es.theanarchistlibrary.org

Titulo Original: **Anarquistas “eleccionistas”**. Tradução e Revisão por André Tunes @*Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista*.

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org